



ZONA DE CO-PROSPERIDADE DO PACÍFICO*

Therezinha de Castro

O extraordinário crescimento econômico de alguns países situados no lado oriental do Pacífico tem despertado admiração, curiosidade e especulações.

Este artigo enfoca diferentes facetas do fenômeno e conclui que o problema para as demais partes do mundo não é como controlá-lo e sim como a ele se adaptar.

Em 1908, aos 39 anos de idade, Haushofer, como adido militar no Japão, dava início a seus trabalhos - "A Geopolítica do Oceano Pacífico" e "Dai-Nihon". Nesse último estudava o poderio militar do Japão e sua posição no mundo futuro. No primeiro, impressionado com a teoria dos "grandes espaços" de Ratzel, assim se expressava sobre o **panorama Pacífico/Ásia**: "Trata-se de um espaço gigantesco para o qual estão fluindo forças que, observando-se friamente os fatos, só

estão à espera do alvorecer da idade do Pacífico, sucessora da já avançada idade atlântica e da mais envelhecida ainda mediterrânea, e da área européia em geral".¹

Esse **Oceano Pacífico** estudado por Haushofer cobre 1/3 da superfície terrestre, envolvendo hoje cerca de 50 países, onde habita praticamente a metade da população do globo; banha o extremo oriente da Ásia e a costa oeste da América e, ainda, as duas maiores ilhas do mundo - a Antártica e a Austrália (**Mapa 1**).

Estão aí, face a face, duas

* Selecionado pelo PADECEME.

1. Hans W. Weigert - "Ásia a Través de los Anteojos de Haushofer" - Editorial Atlántida - Buenos Aires, 1948.



Mapa 1

organizado por Therezinha de Castro

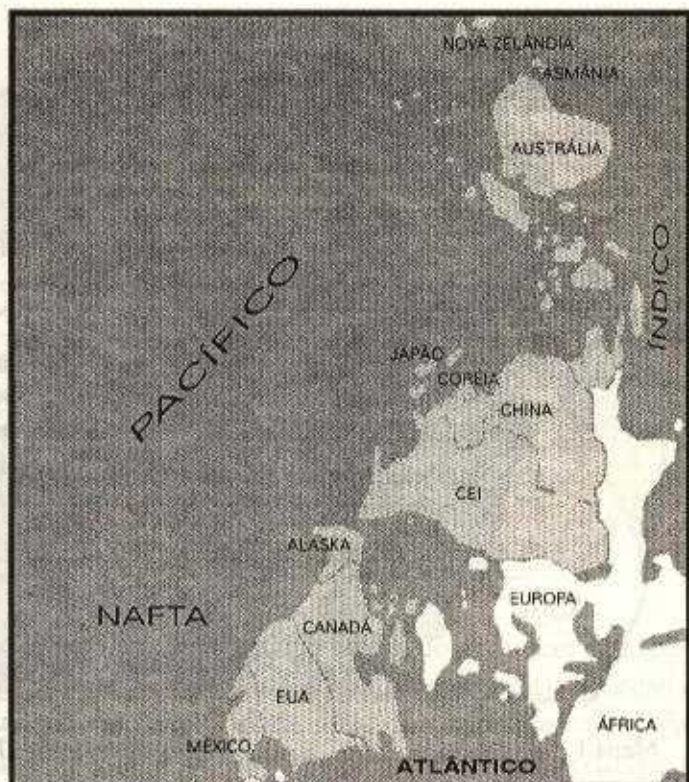
potências econômicas - **Japão e Estados Unidos**, e ainda os três maiores países do planeta: a **CEI** (Comunidade de Estados Independentes), a **China** e o **Canadá**. No setor americano, com o **NAFTA** (North American Free Trade Agreement), bloco comercial ainda em formação, induz os Estados Unidos, Canadá e México, todos três países bioceânicos, a uma política oscilante entre a Ásia e a Europa (**Mapa 2**).

Observou Haushofer que o **Japão**, eminentemente asiático, insular, vivera inicialmente devotado ao oceano, voltando-se, ao iniciar-se o século XX, para o continente; por isso, classificava-o, já em 1938, como **um país de duas faces** - uma voltada para o Pacífico e a outra para a Ásia.

Era o expansionismo militarista nipônico já esboçado, mas que para ser bem sucedido necessitava, segundo o geopolítico alemão, de uma aliança com a URSS, a outra

Mapa 2

Zona de Co-Prosperidade no Pacífico e Nafta



organizado por
Therezinha
de Castro

potência da área. Donde concluir: *“se houvesse possibilidade de a nação do sol nascente e a da foice e martelo colocarem de lado os seus mútuos receios... ficariam invencíveis em seus mares domésticos”*. Preconizador do eixo Pan-Asiático, numa zona de co-prosperidade, era de opinião que os governos de Moscou e Tóquio deviam conciliar suas aspirações, diante de *“um futuro geopolítico que pertencerá ao bloco russo-chinês”*.

Concluindo: *“a China é um mar que torna salgados todos os rios que fluem para ela; se o Japão penetrar demasiadamente na China poderá afogar-se”*.

Defendia a tese *“invasão jamais, aliança sim”* pois o bloco Pan-Asiático só seria efetivo se transformado num império *“com o espírito do Japão e o corpo da China”*. Destacando que o Pacífico não banhava apenas a Ásia, e que a união se fazia necessária, visto que a cada dia se concretizava

“a possibilidade de cooperação entre a Rússia e os Estados Unidos”. Era uma projeção do que ocorreria durante a Segunda Guerra Mundial - para enfrentar o eixo Roma/Berlim/Tóquio, aliaram-se URSS/Estados Unidos, jogando para mais tarde as divergências entre o supercapitalismo de Wall Street e o bolchevismo de Moscou. E, no caso desse arranjo, saíam perdendo o Japão e a própria Europa.

Previsões que se realizaram, já que terminada a Segunda Guerra Mundial, caberia a **Pax Americana I** impôr a **preponderância dos Estados Unidos na área do Pacífico** dentro do sistema de livre comércio e defesa do mundo comunista. O Japão passava a integrar esse Primeiro Mundo ou Bloco Ocidental do qual obtinha proteção.

Finda a “Guerra Fria”, impunha-se a **Pax Americana II**, quando o governo de Washington, dentro das devidas proporções, passava a considerar o **poder econômico japonês como ameaça bem mais séria que a do arsenal militar russo**. Registrando-se que, com a queda do confronto militar na área, **caía nesse setor do Pacífico o “status” dos Estados Unidos**; situação refletindo o papel exercido pela Inglaterra na década dos 30,

quando ainda possuía, mas já começava a lhe fugir, o poder hegemônico, e não tinha meios nem sabia como preservá-lo.

Observa-se, pois, que no contexto atual, o Extremo Oriente depende cada vez menos dos Estados Unidos, na proporção em que sua indústria se torna bem mais dependente da sofisticada tecnologia japonesa. Conseqüentemente, **a fórmula asiática de crescimento está muito mais próxima do modelo japonês que do estadunidense.**

O Japão, por sua vez, é país sem espaço vital, altamente dependente de matérias-primas e alimentos, que os Estados Unidos lhe oferecem para receber, em troca, manufaturados; valendo nesse comércio bem mais o que os japoneses exportam, vão se tornando crescentes os déficits estadunidenses.

Historicamente, justifica-se a supremacia econômica do Japão, ante sua derrota militar para com os Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial. É que, a partir de então, o governo de Tóquio se despreocupou com o arsenal de guerra, ocorrendo o inverso com Washington que, capital de superpotência, envolvida na geoestratégia do confronto com Moscou, era obrigado a desviar grandes verbas para se impôr no

mundo e, no Pacífico, defender o próprio território japonês. A aliança com o Japão nessa fase é justificada pelo posicionamento das ilhas nipônicas na contenção do derramamento soviético no Pacífico.

Antes da guerra, a carreira militar no Japão não gozava de maior prestígio que a de empresário ou economista, ocorrendo o contrário nos Estados Unidos. Caberia à Guerra Fria transformar esses valores, levando o Japão desmilitarizado para a busca de sua reconstrução e crescimento econômico. Essa tendência foi se concretizando, muito embora, na década dos 80, as firmas estadunidenses e européias ainda dominassem, no campo da tecnologia. O Japão só participava da concorrência através do "dumping", oferecendo seus produtos por preços mais baixos; copiando aos poucos a tecnologia estrangeira, começou a aprimorá-la, ultrapassando a de seus competidores, graças ao sempre crescente volume de dinheiro que o governo destinava às pesquisas. Assim, em nossos dias passou a liderar em computadores, robótica, telecomunicações, automóveis, caminhões, navios, biotecnologia, interessando-se, até mesmo, pela indústria de energia nuclear e aeroespacial.

Detentor da alta tecnologia, o **Japão transformou-se na principal nação credora do mundo**; enquanto os ganhos com as exportações levavam o MCII (Ministério do Comércio Internacional e Indústria) a investir somas no exterior, com o iêne entrando em áreas do dólar e do marco. Inicialmente, procurou o Japão investir em infra-estruturas, como por exemplo o túnel do Canal da Mancha, jazidas de minério de ferro no Brasil etc. Em seguida, passava para as subsidiárias em região de mão-de-obra barata e abundante; os produtos manufaturados japoneses tornavam-se mais acessíveis, conseguindo vencer as tarifas protetoras dos Estados Unidos e da própria Comunidade Européia. Esse último passo propiciou ao Japão voltar-se com exclusividade para o setor mais promissor e lucrativo da alta tecnologia, transformando-se, na década dos 90, na **primeira potência econômica do Mundo**.

No entanto, embora a influência do Japão vá sempre num crescer, se impõe para os **Estados Unidos o fator altamente positivo do posicionamento**; trata-se da dupla face desse país bioceânico voltada para o Atlântico e Pacífico. Valendo-se também os Estados Unidos da **má recordação que os países asiáticos**

ainda guardam do Japão, já que o governo de Tóquio só muito recentemente vem admitindo seus erros na Segunda Guerra Mundial, tal como a Alemanha vem fazendo na Europa.

No aspecto global, os asiáticos demonstram, pelas duas potências econômicas, certa dose de respeito, ressentimento, inveja e receio. Os estadunidenses, na opinião dos asiáticos, são mais generosos, patrocinam eventos culturais e dão mais apoio às comunidades locais; já os japoneses são bem mais distantes no relacionamento, procurando manter para seus nacionais os postos mais elevados nas suas empresas. Mais educados e pacientes, os japoneses não menosprezam os costumes do país, jamais se esquecendo, numa visita de negócios, em oferecer um presente; já o estadunidense é apressado, chegando como o contrato na pasta, onde também já estão a caneta e o talão de cheques.

Responsável, atualmente, por 70% de toda a atividade econômica na área de co-prosperidade do Pacífico, **o Japão conta com os "4 Tigres Asiáticos"** ou NIC's, traduzindo-se por "Novos Países Industrializados" (New Industrialized Countries); são eles - **Hong-Kong**,

Singapura, Formosa e Coréia do Sul (Mapa 3). Justifica-se o posicionamento dos quatro no fato de que, na concorrência travada pelos Eixos Norte/Sul pela conquista de mercados, os portos transformaram-se no grande instrumento de fomento de exportação. Conseqüentemente, sobretudo no caso de Hong-Kong e Singapura, o Japão obteve dois bons, baratos e privilegiados portos.

Vizinho de Macáu, em poder dos portugueses, **Hong-Kong** é formado por três regiões distintas: a ilha do mesmo nome (84 km²), a Península do Kowloon (41 km²) e o chamado Novo Território, reunindo várias ilhas à de Lantáo (889 km²), constituindo assim um conjunto de 1.013 km², numa área pouco menor que a do município do Rio de Janeiro.

Encontra-se aí o único porto seguro e profundo entre Shangai e o Vietnã, que, ultra-sofisticado e totalmente privatizado, com seus 27 km serve de porta comercial e autêntica "mesa giratória" entre a China, os Estados Unidos e Formosa. Ainda em poder dos ingleses, em 1º de julho de 1997, quando termina o contrato de cessão, ao que tudo indica, deverá conservar o sistema capitalista como zona administrativa especial da China, reunida à região autônoma de Kuangsi e ilha

Mapa 3

Península
da
Indochina
e
Tigres
Asiáticos



fronteira de Hainan, onde Shezen já é zona especial de economia liberada (Mapa 4).

Prolongamento meridional da Península Indochinesa, a Malásia vê completada sua extremidade pela ilha de Singapura, isolada pelo estreito de Johore, com 1.600 metros de largura.²

Além de Singapura, cujo topônimo deriva de "Sinhapura", significando "povoado de leões",

fazem, dessa república, outras ilhas e ilhotas adjacentes, dentre as quais as maiores são Ubin e Tesong Bear. Trata-se, na realidade de um mini-estado, pois, com 581,5 km², tem pouco menos da metade da área do município do Rio de Janeiro.

Dentro do enfoque geoestratégico, **domina os dois estreitos que ligam os oceanos Índico e Pacífico** - o primeiro, Sonda,

2. Pierre Fistié - "Singapour et la Malasie" - Presses Universitaires de France - Paris, 1960.



Mapa 4
República Popular da China

organizado por
Therezinha de Castro

● Cidades de
Economia Liberada

○ Zonas Especiais de
Economia Liberada

- 1 - Tientsin
- 2 - Kiangdão
- 3 - Dalian
- 4 - Yantai
- 5 - Tsingtão
- 6 - Liyanyungang
- 7 - Nantung
- 8 - Shangai
- 9 - Ningbo
- 10 - Fuzhu
- 11 - Gangzhu
- 12 - Zhankiang
- 13 - Beia
- 14 - Pequim

- A - Shiamen
- B - Shantu
- C - Zhuai
- D - Ilha de Hainan
- E - Shezen

■ Regiões
Autônomas

entre as ilhas de Java e Sumatra, o segundo, Málaca, entre Sumatra e a Malásia (**Mapa 3**). É porto inseparável da Malásia, imprimindo, por outro lado, dinamismo à Indonésia, instalada num conjunto de ilhas e arquipélagos formando um arco até a Austrália.³

Totalmente privado e computadorizado, é o principal porto da Ásia e o 2º colocado no ranking mundial de carga, após Rotterdam, e o 1º quanto aos contêineres, com excepcional processamento de unidades, representando mais de 15 vezes o total do nosso porto de Santos.

Com "status" geopolítico de ponto de contacto entre a Europa, Extremo Oriente, Indonésia e Austrália, transformou-se na "**Gibraltar do Pacífico-Índico**", posicionado na encruzilhada para onde converge a via marítima que une dois oceanos, e rota terrestre que enlaça os setores meridional e oriental da Ásia com a Insulíndia.

Com seus 36.000 km², Taiwan, que os portugueses chamaram Formosa, situa-se a 144 km da costa chinesa. Já pertenceu ao Japão

(1895), foi restituída à China após a Segunda Guerra Mundial, transformando-se numa República Independente em 1949. País arquipélago, compreende outras 13 ilhas no conjunto de Formosa, 64 no grupo de Penghu (Pescadores), e ainda as ilhas de Quemói (Chinmen) e Matsu (Lienkiang), próximo a província de Fukien, na China Continental.

A riqueza mineral de Formosa, nas áreas de anticlinais da zona intermediária a oeste da serra, é representada pelas jazidas de ouro, cobre, enxofre vulcânico, carvão, sal, gás natural e petróleo. Na categoria de novo país industrializado, mostra acentuado desenvolvimento nos setores de equipamento eletrônico, sendo o 3º pólo petroquímico da área.

Do trópico de Câncer, que passa pelo centro da ilha de Formosa, atingimos a área entre os paralelos de 30 e 40 graus de latitude norte, onde se localiza o **contraforte peninsular de valor geoestratégico - a Coréia ou Chosen**, palavra de origem japonesa correspondendo a "Calma da Manhã"⁴. Exerce esse contraforte dupla função: a de trampolim na

3. Le Thánh Khôi - "L'Asie du Sud-Est" - Presses Universitaires de France - Paris, 1959.

4. A.D.C. Peterson - "L'Extrême-Orient - Géographie Sociale" - Payot-Paris, 1951.
Li Ogg - "Histoire de la Corée" - Presses Universitaires de France - Paris, 1969.

invasão da Ásia e a de base continental para o domínio de arquipélagos no Pacífico. Foi, por isso, disputada no passado pelos japoneses, temerosos da expansão chinesa, e pelos chineses, procurando barrar a expansão nipônica. É, pois, pertinente a definição chinesa - "a Coréia é para a China o que os lábios são para a boca".

O mesmo valor geoestratégico imporia, na arena da "Guerra Fria", a **divisão da Coréia pelo paralelo de 38 graus**, para que as duas regiões ficassem sob a influência de Moscou (norte), com grandes interesses no continente e proteção da Sibéria, e de Washington (sul) na decorrência do poder soviético no Pacífico e defesa do Alaska e Havai. Dentro, pois, do enfoque geopolítico, é este exemplo bem caracterizado de como a disposição de fronteiras leva os contendores a buscar condições adequadas para defesa ou ataques fáceis; imposições ligadas a uma estratégia bem mais de governos do que propriamente de conteúdo humano, que essas fronteiras em questão possam vir a envolver ou a

dividir.

Posicionada entre a China Continental e o Japão Insular, do qual se encontra separada por um estreito de 193 km, a península da Coréia tem uma extensão de 220.740 km², equivalendo quase à área da maior ilha do Arquipélago Nipônico e à do nosso estado do Paraná.

Na conjuntura atual, ainda dividida, a Coréia do Sul (99.484 km², correspondente à área de nosso estado de Pernambuco. Por já ter sido anexada pelo Japão, inquieta-se com a hegemonia desse país no Pacífico; o "Samsung", gigante coreano, sabe bem, que uma vez aliado a uma companhia japonesa, dificilmente poderá dela se livrar. Por outro lado reconhece, diante das dimensões do Japão, que não se pode dar ao luxo de descartá-lo, em se tratando de qualquer projeto para a região do Pacífico. Compreende que todo capital estrangeiro só procura países com regras claras, destituídos de sentimentos xenófobos e que valorizem a economia de mercado; esse capital procura regiões onde exista mão-de-obra ou matéria-prima

5. Com 32 fábricas, atua em vários setores, como telecomunicações, metalurgia, eletrônica e construção naval. Com um faturamento, em 1992, de 45 bilhões de dólares, já atua em 55 outros países; pretendendo entrar no Brasil, no ramo de produtos petroquímicos, no sul, provavelmente Rio Grande do Sul ou Santa Catarina, que oferecem benefícios fiscais para empresas que operem no Mercosul.

barata. E, em compensação, procura induzir o país agraciado a melhor distribuição de renda num rápido e seguro processo de recuperação sócio-econômico.

Hoje, como um dos "Tigres Asiáticos", segunda economia de mercado na área, a **Coréia do Sul teme que a unificação com o Norte**, tal como ocorreu com a Alemanha, venha lhe causar problemas, atribuindo-lhe uma dimensão bem mais inferiorizada no cenário internacional. Prefere, por isso, relacionar-se com o Norte em caráter de simples distensão, através do Acordo de Dezembro de 1991, que trata da "reconciliação, não agressão e cooperação".

Dentro dessa "**bipolaridade velada**", a Coréia do Sul não deseja mais se manter na condição de simples "Estado-cliente" que a caracterizou durante a "Guerra Fria", preferindo, assim, que os Estados Unidos mantenham sua presença forte no Pacífico em favor de um equilíbrio, pois percebe que nem mesmo congregando toda a Ásia, poderá o governo de Seul fazer frente ao Japão.

Numa política de

contemporização, em 1989, para pelo menos poder se transformar num "pólo geopolítico", à semelhança de "uma França ou Inglaterra da Ásia", a Coréia do Sul concordou em participar de um organismo de cooperação no Pacífico. Conseguiu, em 1991, ser convidada, já na condição de "parceiro de diálogo", como o Japão, Estados Unidos e Austrália, e ingressou na ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), que reúne também o Brunei, Singapura, Filipinas, Indonésia, Malásia e Tailândia.

A **Oceania**, nome derivado de Oceano, não se constituiu num continente propriamente dito; nas margens do Índico, reúne no Pacífico um conjunto de pequenas ilhas e arquipélagos entre a América e Ásia. Daí, no contexto da **zona de co-prosperidade**, excluir-se a **Austrália** da Oceania para incluí-la no Pacífico Sul; aí se destaca do conjunto étnico amarelo pela majoritária população européia. Inteiramente inglesa e fervorosamente branca, com pequeno índice de aborígenes de tipo bem

6. Griffith Taylor - "Austrália (Nueva Guínea, Tasmânia, Nueva Zelanda) - Geografía Regional y Humana" - Ediciones Omega S.A. - Barcelona, 1954.

A. Huetz de Lemp - "Australie et Nouvelle-Zélande - Presses Universitaires de France - Paris, 1954.

primitivo, a Austrália e a Nova Zelândia contrastam com a caracterizada etnia amarela asiática, encontrando-se, literalmente, no que podemos caracterizar **no contexto das rotas comerciais, em "fim do mundo"**. Valeu-lhetal característica o posicionamento. Separada do continente asiático por largos estreitos, não teve, nem mesmo na época das grandes navegações, o valor como ponto de passagem ou de aguada, tal como a América do Sul e a África, já que não era necessário contorná-la nas viagens de circunavegação, ficando, em consequência, à margem das importantes rotas de comércio.

Maior ilha do mundo, a Austrália com a Tasmânia somam uma superfície de 7.703.273 km², sendo menor que o Brasil. Ocupa mais ou menos a latitude de nosso país, pois é cortada pelo trópico de Capricórnio, e se aproxima dos 10 graus de latitude sul. País-ilha, sua fronteira litorânea é de 15.000 km, equivalente ao dobro da costa brasileira no Atlântico.

Por seu **posicionamento geoestratégico entre o Índico e o Pacífico**, teve mais importância no

setor da autodefesa durante a Guerra Fria, do que propriamente no comercial. A agricultura (trigo, milho, aveia, cevada e frutas) ao lado da mineração, sobretudo de carvão, constituem a base de sua economia, cujas exportações se dirigem mais para o "Cinturão do Pacífico", vindo as importações da CEE, Estados Unidos e Japão.

Na atualidade "o sistema portuário universal está subdividido em três vertentes básicas: Europa, América do Norte e Ásia. Fora desse circuito, que abrange os mais prósperos mercados do globo, situam-se os portos da América Latina, África e Oceania, os quais, por lamentável coincidência, até geograficamente não se beneficiam das grandes rotas mercantes internacionais".⁷ Por sua posição marginal na **zona de co-prosperidade do Pacífico**, em função de sua situação geográfica, a **Austrália procura penetrar em mercados da América Latina**. O "efeito porta" acordado na **Reunião do Rio de Janeiro de 1989**, teve a finalidade de utilizar a Austrália por agentes econômicos brasileiros, como trampolim para atingir outros países

7. Carlos Tavares de Oliveira - "O Sistema Portuário Mundial" - "O Globo" - 12 de agosto de 1993.

do Pacífico; em retorno, o Brasil como base para os negócios australianos em nosso continente, que ainda não é volumoso, por esbarrar no pequeno desempenho global da economia dessa ilha.

Do isolamento no Pacífico representado pela Austrália, chega-se ao contraste do envolvimento de outro vasto espaço vital - a China, que nesses últimos anos viveu fechada dentro de um sistema marxista modificado, representado pela chamada Revolução Cultural.* Isolamento político e não geográfico desse país de peso, oitava economia do Mundo e terceiro país em área, depois da CEI e do Canadá, com seus 9.571.300 km².

Isolada diplomaticamente e cercada por vizinhança hostil, manteve sempre relacionamento frio com a Índia e de desconfiança para com os Estados Unidos e a URSS; sobretudo, em se tratando da política do governo de Washington para com Formosa, e de Moscou pela invasão do Afeganistão e apoio aos vietnamitas em direção ao sul (Mapa 4). Viveu um "isolamento cercado", sem grandes chances para atuar na defensiva, pela

desprofissionalização do Exército promovida pelo maoísmo, bem mais devotado às "milícias camponesas". Por outro lado, como país subdesenvolvido, manteve sempre posicionamento crítico com relação a intervenções das superpotências em áreas do chamado Terceiro Mundo.

Com a política atual de Deng, nota-se um certo ideal em **reformular a estratégia de uma defesa avançada** através do restabelecimento da hierarquia militar, abolida como sendo instituição burguesa, bem como pela volta a um melhor desempenho por parte das academias militares, também caídas em desgraça na fase maoísta - política necessária em face da "nova ordem mundial", pois com a desagregação da URSS, ficou bem mais exposta ao perigo em sua vasta linha de fronteira.

Dentro da atual conjuntura, o governo de Pequim idealiza o **retorno da Mongólia**, transformada num país independente (1.565.000 km²), correspondendo ao nosso estado do Amazonas. Sem saída para o mar e desejosa de ingressar na economia de mercado, essa república, nascida em

8. Alain Peyrefitte - "Quand la Chine s'Eveillera... le Monde Tremblera - Regards sur la voie chinoise - Fayard - Paris, 1973.

1924, poderá ameaçar a outra parte, conservada pela China como **Província Autônoma da Mongólia Interior**.

Em caso de **separatismo**, se reduziria sobremodo o espaço vital chinês, já que o movimento iria se irradiar para a **Ningúisia e Sinkiang**, onde os mongóis se aliariam ao kasaques e kirguises, irmãos de língua turca, em prol do **renascimento do Turquestão**. Os turcos ou uighurs, nome este de origem medieval há pouco restabelecido, se constituem numa das raças brancas mais puras do mundo, pertencendo ao grupo classificado pelos antropólogos como "alpino". Habitam a província autônoma do Sinkiang, em granjas instaladas em oásis separados por desertos; nas pastagens montanhosas estão os **kasaques e kirguises**, que, como as minorias da **Ningúisia**, são também islâmicos.

A despeito da Grande Muralha (em chinês Tchang-Tcheng ou Longo Muro), surgida como conjunto de fortificações ainda no século III a. C. e reforçadas a partir dos séculos XV e XVII, não conseguiu a China impedir as conquistas **mandchús**; atualmente, na Mongólia Interior, os mongóis são minorias que vivem isoladas da maioria chinesa. Deve-se ressaltar que todos esses povos são

minorias somente se relacionados com os chineses ou russos, já que em seus habitats formam maioria, vivendo em vastos territórios com valiosas riquezas naturais. Constituem, conseqüentemente, desafios, tanto para a China quanto para a CEI, na área contígua.

A desagregação chegaria ao **Tibet**, misterioso e inacessível território, com rios sagrados para os hinduístas e solar dos "sancto sanctorum" mais importantes do budismo. É região autônoma dentro da China, mas de fronteiras mal delimitadas com o Butan, Sikin e Nepal, estados-tampões no Himalaia, ocupando importante posicionamento, já que através deles é que estão rotas que ligam os territórios indiano e chinês, passando pelo tibetano.

Na mais longa fronteira do mundo localizada entre a CEI e a China, destacam **duas encruzilhadas de valor geopolítico**. A primeira no nordeste, onde, além da CEI, a China se defronta com a Coréia, ficando diante do Japão. Aí, a **Mandchúria** foi cedida à Rússia na parte de seu litoral, para que Moscou estabelecesse a ferrovia que atingiria Vladivostok (1896). Com interesse na área, o Japão ocupou-a em 1932 criando o estado do Mandchukuo; na Campanha da Mandchúria, durante a

Segunda Guerra Mundial, os soviéticos venceram os japoneses, cujos exércitos foram, em dez dias, obrigados a capitular (agosto de 1945). A cobiça pela região transformou em **ponto nevrálgico o Mar de Okhotsk**. A segunda encruzilhada encontra-se no extremo oposto, onde **a China, o Paquistão e o Afeganistão formam uma espécie de área-tampão entre a CEI e a Índia**. Aí se envolve o fundamentalista Iran, numa fronteira de quatro países, onde os fatores essenciais contribuem para o progresso industrial em larga escala - é zona própria para cultivo do algodão, com água, clima e terreno apropriados, com quedas d'água para implantação de usinas hidroelétricas, possuindo ainda petróleo, carvão, ferro e cobre. Conclui-se que as encruzilhadas internas da China não se constituem em simples áreas desérticas e sim em zonas de potencial a ser explorado.

Assim, a China, com sérios problemas ao longo de suas fronteiras terrestres, **vem procurando abrir sua economia para o Ocidente**, superando as más conseqüências da

chamada **Revolução Cultural**, colocando, no entanto, o setor defensivo como quarta opção, depois da agricultura, indústria e ciência. Pelo poder latente (matérias-primas inexploradas), associado ao fator presença (área ou espaço vital) e, sobretudo, face ao mercado interno de que dispõe, a China, em sua fase inicial da **"Era das Quatro Modernizações"**, não deverá se tornar tão dependente quanto os **"Tigres Asiáticos"**.

Seus **grandes desequilíbrios** são caracterizados pelas três regiões que compõem o território: o da **Costa**, formada por apenas 10 províncias detentoras do poder real de um ecúmeno estatal, que, a partir de 1984, com a implantação das **zonas econômicas especiais**, concentra 73% do comércio internacional, contrastando com o interior e oeste (representados pelas outras 20 províncias), caracterizando-se como área marginalizada. É, como o Brasil, caracterizado por três **"ilhas geo-econômicas"**, **um país emergente onde o desenvolvimento ocorre em diferentes velocidades**. Essas diferentes velocidades dão, ao

9. No Brasil, o poder real de um ecúmeno estatal é representado pelas regiões Sul e Sudeste (18% do território), os outros 18%, em desenvolvimento é a região Nordeste; enquanto as regiões Norte e Centro-Oeste (64%) são marginalizadas ou subdesenvolvidas. Vide da autora - "Retrato do Brasil - Atlas - Texto de Geopolítica" - Bibliex-Rio, 1986, p. 29.

Brasil e à China, a classificação de países subdesenvolvidos, mas constituindo respectivamente a 10ª e a 8ª economias do mundo. Nos três mundos da nova ordem mundial - dos países produtores (o Grupo dos Sete), dos países extratores (caracterizadamente pobres), a China e o Brasil se classificam no meio termo como **nações perturbadoras**.

Na China, a agricultura representa o valor absoluto (arroz, algodão, soja, milho, fumo, chá), destacando o carvão como principal minério explorado. Essa agricultura segue, primeiro em oportunidade, e segundo em ponto fraco, justificando-se pelo cultivo do arroz d'água, exigindo mão-de-obra abundante, embora bastante rendoso por hectare, levando desvantagem diante do mecanizado. Em segundo, o tido ponto fraco é evidenciado pelo crescimento populacional, a despeito do planejamento rígido familiar, podendo levar o país a crescente importação de alimentos.

No entanto, nada se faz da noite para o dia e, voltando-se para o capitalismo, adotando a economia de mercado, **a China pode ser vislumbrada como candidata a grande potência**, por representar não só uma força política mas, sobretudo, de importante expressão

estratégica.

Napoleão Bonaparte afirmou no século passado - "*no momento em que a China acordar, o mundo tremerá*". A potência "comunista" abriu-se oficialmente para o capitalismo em março de 1993, quando a Assembléia Nacional Popular aprovou um "pacote de reformas", iniciadas em 1978 por Deng Xiaopen. As ligações desse país com o Ocidente estão amarradas por numerosas empresas, bem-vindas ao governo, que necessita de dinheiro. Com a desintegração da URSS, transformou-se e se transforma, donde estar sendo apontada como país capaz de rivalizar com os Estados Unidos nas próximas décadas. Note-se que, com cerca de 60 misseis com ogivas nucleares, a China aponta com o poder de veto no Conselho de Segurança da ONU e, embora na quarta opção, suas Forças Armadas consumiram em 1993, 14% do orçamento do país.

Como 2/3 do território chinês é montanhoso ou semidesértico, **90% de sua população se concentra em apenas 1/6 do total da área**; é, pois, como o Brasil (sem áreas montanhosas e regiões desérticas), mas com 80% do efetivo populacional a 1.000 km do litoral e com poder real em apenas 18% do total da área,

nação que ainda carece de integração.

Enquanto o Brasil está mais voltado para o Atlântico, a situação da China, voltada para o Pacífico, começa a dar a sua guinada ao implantar suas **5 zonas experimentais e 14 cidades de economia liberada**, formando a locomotiva para o país com 1 bilhão e 200 milhões de pessoas, correspondendo a 1/5 da população mundial, com modelo em farta e barata mão-de-obra, capital estrangeiro e tecnologia pirateada (Mapa 4). As comunicações nesse litoral que se capitaliza são feitas ainda através de estradas precárias, mas, mesmo assim, as fábricas não param de produzir computadores, muitos dos quais entregues em carrocerias atreladas a bicicletas.

Embora em contraste com a mestiçagem que ocorre num Brasil todo de língua portuguesa, **esse mundo amarelo formado pela China não é completamente homogêneo**. Ao lado dos 94% de han ou chineses, subsistem 54 minorias nacionais reconhecidas; ao lado do chinês falado com diferenças fonéticas regionais, subsistem vários dialetos.

Concluindo: enquanto a China vê sua área contígua ao Pacífico

ingressar na fase moderna, o interior, e em especial o setor fronteiriço, ainda na categoria de zona geopolítica neutra, conta com minorias étnicas ameaçando o todo político desde o Himalaia até a Mongólia. Como as demais nações emergentes, enfrenta pressão internacional, ligando-se o principal receio do governo de Pequim ao separatismo. Por isso, a China impõe a sua soberania, não aceitando discutir o problema tibetano, e mantendo, por isso, rígido controle militar na área.

Nesse cenário de comércio em blocos, iniciado pela CEE, há quem acredite num retorno à bipolaridade, com a substituição dos Estados Unidos e URSS no contexto mundial, e os que vêm o centro de gravidade, no próximo século mudando para o Pacífico, que terá sua era, tal como ocorreu com o Mediterrâneo e, posteriormente, com o Atlântico.

A despeito da fragmentação geopolítica no Pacífico Oriental, o rápido crescimento econômico dos países locais vem **projetando um centro mundial de indústria e comércio**. Era, pois, de se esperar que uma proposta de união em bloco, com geocentro em Tóquio, viesse a ser proposta pela Tailândia, o único país a escapar da ocupação militar

nipônica durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, coube ao primeiro-ministro da Malásia, Mohatir Mohamed, a proposta, em 1991, para a criação de um Bloco Comercial Asiático liderado pelo Japão. Este, em princípio, rejeitou o projeto, muito embora venha reforçando seus vínculos com os vizinhos, preparando-se para um eventual enfrentamento de eixos Norte/Sul que se formam. Há, em torno de tudo, um porém, um fato que não escapa à observação - em se tratando de Extremo Oriente, até bem pouco tempo, o primeiro que nos vinha a mente era o exotismo - hoje a área denota mudanças, registrando crescimento econômico explosivo.

Finda a Segunda Guerra Mundial, com a derrota do Japão, os Estados Unidos provocavam o **desmembramento dos "zaibatsus"**, grandes conglomerados, concentrando uma quarta parte do poder nas mãos de pequenos grupos feudais. Isso porque, em 1868, o Japão passara a importar máquinas e

engenheiros da Europa, iniciando-se no conhecimento das técnicas ocidentais. Aos poucos, com seu espírito inventivo e minucioso, foram aprimorando processos de fabricação.¹⁰

No entanto, até a Segunda Guerra Mundial os complexos industriais japoneses, ainda inferiorizados, diferiam em muito dos existentes na Europa e Estados Unidos. É que ao lado das grandes empresas representando o **"shiro", castelo forte feudal**, subsistiam pequenos artesanatos familiares operando, muitas vezes, para a fábrica principal como subsidiários, entregando-lhes peças semi-elaboradas para serem levadas ao processo final de industrialização.

No feudalismo europeu, que há muito terminara, o filho do vassalo passava um período no palácio do suzerano até ser armado cavaleiro. No Japão, em plena era contemporânea, esse fato comparava-se ao das filhas de pequenos artesãos trabalharem nas grandes fábricas como parte de mão-de-obra: eram então alojadas em pensões especiais,

10. "O Japão de Hoje" - publicação do Departamento de Informação do Ministério de Negócios Estrangeiros - 1968.

Paul Lehman - "Geografia del Japón" - Editorial Labor - Barcelona, 1929.

Lester Thurow - "Cabeça a Cabeça (A Batalha Econômica entre Japão, Europa e Estados Unidos)". Editora Rocco, Rio, 1993.

alimentadas e educadas pelo industrial até que, adquirindo certa soma em dinheiro retornavam ao clã paterno. Essa foi a fase em que o Japão se dedicava apenas às indústrias leves, pois a transição para a pesada só ocorreu em 1930, acelerando-se em seguida, devido ao esforço de guerra.

A Segunda Guerra Mundial aniquilou o Japão: além de ter 40% de suas cidades destruídas, o mesmo aconteceria com 30% das centrais térmicas, 58% das refinarias, 30% das usinas e 80% da marinha. Perdia ainda 45,5% de seu território - Formosa, Coréia, Kurilas, o sul de Sakalina, Mandchúkuo, ou Mandchúria, Kuang-Tung (Cantão) e várias ilhas no Pacífico. No entanto, de 1945 até 1952, o país auxiliado financeiramente pelos Estados Unidos, para tê-lo como aliado no Oriente contra a URSS, passaria pela fase febril da reconstrução, entrando em seguida no período da consolidação, que se estenderia até 1959. Atingia, nesse ano, o 3º estágio já completado, quando as indústrias químicas, a petroquímica e produção de máquinas pesadas colocavam o país entre as primeiras nações

industrializadas do mundo. Graças sobretudo ao "keiretsu"¹¹, que ressuscitou antigas formas de aglomeração de empresas sob a liderança de bancos, ou em cadeias verticais de produção comandadas por um gigante industrial.

Formado por 4 ilhas principais - Honshu, Shikoku, Kyushu e Hokaido - o arquipélago japonês se estende num arco de 2.400 km de comprimento, com 85% de sua área total ocupada por montanhas com 192 vulcões, dos quais 58 em atividade. Em conseqüência, mais de 40% da população, cujo total é de 130 milhões de pessoas, se concentra em 1% da superfície do país, cuja área total é de 377.748 km², pouco maior que a do nosso estado do Maranhão.

Líder incontestemente na zona de co-prosperidade do Pacífico, o Japão tem apenas 0,3% de sua terra habitável, donde o grande impasse de que o centro de gravidade econômico-mundial se desloque inteiramente para a Ásia. Na era do Atlântico, impuseram-se os impérios coloniais comandados por pequenos Estados periféricos - Portugal, Holanda e

11. O "keiretsu" gravita em torno de 6 bancos (Mitsubishi, Sumitomo, Mitsu, Dai-ichi, Tuyo e Sanwa), enquanto o setor industrial se distribui pelos sofisticados setores do automobilismo e eletrônica. O "keiretsu" subdivide-se, por sua vez, em: vertical, constituído pelos fornecedores, produtores e revendedores; e horizontal, reunindo firmas de diferentes indústrias.

Inglaterra. No entanto, já em 1838, Alexis de Tocqueville previa que o mundo estava se tornando pequeno demais para ser comandado pelas metrópoles européias. O fator presença, constituído pela área ou espaço vital, começava a ter importância; o desmembramento dos grandes impérios coloniais, cujas metrópoles industriais dependiam das matérias-primas de seus territórios e vastas fachadas marítimas. De fato, a URSS e os Estados Unidos dispensavam o colonialismo, mas, ante a "geopolítica do confronto", instituíam o imperialismo, na conquista de espaços para a implantação das ideologias comunista e capitalista. Finda a Guerra Fria, extinta a bipolaridade, formam-se blocos econômicos, numa fase de transição que ainda impõe a interdependência, já que a despeito das matérias-primas sintéticas, os países industriais também dependem das naturais, bem como dos mercados consumidores.

Para impôr sua hegemonia na área do Pacífico, o Japão tem preços a pagar. Livrou-se dos custos da defesa, pagando o seu preço via "diplomacia pacífica unidirecional" (zenhoi keiwa gaibo). Trata-se de geoestratégia externa coerente, representada pelo

"ser discreto e nada dizer", quando eclode uma crise em qualquer parte do Mundo, e muito em especial, no conturbado "heartland muçulmano", que supre o Japão em 99% de suas necessidades petrolíferas. No ponto em questão, a Europa e os Estados Unidos não contam com essa vantagem, pois, a despeito de formarem seus blocos econômicos, ainda têm que se envolver nos destinos de áreas conturbadas.

Comparativamente, antes da Segunda Guerra Mundial, a carreira militar tinha, no Japão, muito mais prestígio que a de empresários e executivos; nos Estados Unidos ocorria o inverso. Caberia à Guerra Fria inverter esses valores, com os Estados Unidos envolvidos na mundialização dos problemas, tendo que dispender maiores somas no setor da defesa em detrimento da própria economia. Com isso, os Estados Unidos foram aos poucos cedendo o seu lugar de primeira potência econômica do mundo, oferecendo ao Japão matérias-primas e alimentos, em troca de produtos industrializados. Valendo bem mais do que exporta, o Japão vai conseguindo que sejam crescentes, nesse comércio, os defeitos estadunidenses.

Até princípio dos anos 80, as

firmas dos Estados Unidos e Europa dominavam o campo da tecnologia. Quando o Japão entrou na concorrência, oferecendo seus produtos por preços mais baixos, o "dumping" inverteria a situação. Copiando a tecnologia estrangeira, passavam os japoneses a aprimorá-la, ultrapassando a de seus competidores, graças ao sempre crescente apoio financeiro destinado às pesquisas no campo. Com isso, na década de 90 o Japão passava a liderar em computadores, robótica, telecomunicações, automóveis, caminhões, navios, biotecnologia, envolvendo-se, até mesmo, nos setores da energia nuclear e aeroespacial, transformando-se **na principal nação credora do Mundo**¹².

A partir de então, com os ganhos nas exportações, o MCII (Ministério do Comércio Internacional e Indústria), resolveu investir somas no exterior: investimentos em infra-estruturas como a do Túnel no Canal da Mancha, jazidas de minério de ferro no Brasil etc. Daí se envolveu com subsidiárias em regiões com mão-de-obra barata e abundante, e os produtos

manufaturados japoneses tornaram-se mais baratos, podendo contornar as tarifas protetoras dos Estados Unidos e da própria CEE. Nessa trajetória, transformou-se na **primeira potência econômica do Mundo, consagrando-se ao setor mais promissor e lucrativo da alta tecnologia**, sendo, pois, vital para o Japão o comércio exterior, que tem uma de suas faces voltada para o próprio Extremo Oriente - região que hoje apresenta mais possibilidades do que problemas, já que a tecnologia cede lugar a economia, provocando amplas transformações nos alinhamentos políticos dos países asiáticos.

No contexto ainda, a verdadeira questão não é de se a Ásia reconhece os Estados Unidos como potência do Pacífico e se esse país, por sua vez, se reconhece como tal. O recuo militar levou o Pentágono a retirar suas forças para manter simplesmente **uma presença aeronaval, baseada no "direito de acesso"**, direito esse vigorando, em face de conflitos militares territoriais latentes na área. Direito que levou, por exemplo, em 1990, o chefe do Partido Comunista vietnamita Nguyen Van Linh a

12. Com a cotação de 100 lenas por dólar, em agosto de 1993, o japonês passava a ocupar o lugar do estadunidense como o povo mais rico do mundo, com uma renda média anual de 36 mil dólares por pessoa.

oferecer, tanto a Washington como a Tóquio, o uso da base construída pelos estadunidenses na Baía de Can Ranh; justificando-se o fato pela competição da China e do Vietnã no Cambodja, além do antagonismo entre os dois países quanto a propriedade das Ilhas Spartley.

A essas contendas não escapa o próprio Japão, pois disputa, com os governos de Pequim e de Taipé, quatro ilhas minúsculas e desabitadas - Senkaku, em japonês, e Diaoyutal, em chinês - além de três recifes de coral no Mar da China, a 350 km no leste do litoral chinês.

Por sua vez, a CEI tenta ingressar na **zona de co-prosperidade do Pacífico**, através do Banco Asiático de Desenvolvimento, ou via Organização de Cooperação Econômica da Ásia e Pacífico. O óbice está na **disputa pela**

supremacia no Mar de Okhotsk, onde as Kurilas e a Sakalina são imprescindíveis à CEI, pela cobertura estratégica que dão a região do Amour, e necessárias ao Japão, no setor da pesca.

A CEI, tal como os Estados Unidos, tem uma face voltada para a Europa e outra para a Ásia, vendo, no Extremo Oriente, condições para o seu desenvolvimento, pois, como a China, também está abrindo suas portas para o capitalismo. No tocante aos Estados Unidos, foi surpreendente a guinada a partir de 1990, com os embarques para o Pacífico superiores aos do Atlântico. Donde a conclusão de que, em se tratando do que vem ocorrendo na **zona de co-prosperidade do Pacífico**, o problema, para as demais partes do mundo, não é o de como controlar esse movimento e, sim, o de como a ele se adaptar.



THEREZINHA DE CASTRO - Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencista de Geopolítica na ECEME e ECEMAR. Professora de História do Colégio Pedro II. Entre suas obras destacam-se: "Rumo à Antártica", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "Geopolítica: Princípios, Meios e Fins" e outras. Atualmente é membro do corpo permanente da Escola Superior de Guerra.